

**A LUDICIDADE NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIFICAÇÃO DO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO****DOI: 10.5281/zenodo.14599954**Tiago Costa Silva¹

RESUMO: O domínio da escrita e da leitura é uma grande preocupação não só no ambiente escolar, mas também por parte de toda a sociedade, principalmente dos pais que têm filhos matriculados nesse período escolar denominado: alfabetização. Além disso, essa preocupação não se restringe em aprender a ler e a escrever, a escola precisa formar leitores e escritores, sujeitos que dominem a leitura e a escrita e que saibam usá-las no dia a dia. Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões e buscar responder a alguns questionamentos muito presentes nos cursos de formação docente, em seminários e encontros com professores alfabetizadores sobre as relações entre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, a alfabetização seus usos sociais e o letramento, no âmbito da sala de aula. Para tanto, adotou-se a pesquisa bibliográfica com base em materiais previamente elaborados e publicados, os quais foram selecionados de acordo com a relevância e pertinência temática. Por fim, as discussões em torno da alfabetização, do letramento não se configuram num modismo passageiro e sim em importantes temáticas a serem debatidas e articuladas no trabalho em sala de aula. O modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever em diferentes situações sociais. Pretendemos com essa análise promover uma reflexão sobre como alfabetizar na perspectiva que considera os usos sociais da leitura e da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Ludicidade. Escola. Alfabetização. Letramento.

ABSTRACT: The mastery of writing and reading is a major concern not only in the school environment, but also for society as a whole, especially for parents who have children enrolled in this school period called literacy. Furthermore, this concern is not limited to learning to read and write; schools need to educate readers and writers, subjects who master reading and writing and who know how to use them in their daily lives. This work aims to present reflections and seek to answer some questions that are very present in teacher training courses, in seminars and meetings with literacy teachers about the relationships between the process of teaching and learning reading and writing, literacy and its social uses and literacy, in the context of the classroom. To this end, bibliographic research was adopted based on previously prepared and published materials, which were selected according to the relevance and thematic pertinence. Finally, the discussions around literacy and literacy are not a passing fad, but rather important themes to be debated and articulated in the classroom work. The way in which the teacher conducts his/her work is crucial for the child to build knowledge about the written object and acquire certain skills that will allow him/her to effectively use reading and writing in different social situations. With this analysis, we intend to promote a reflection on how to teach literacy from the perspective that considers the social uses of reading and writing.

KEYWORDS: Playfulness. School. Literacy. Literacy.

¹Doutorando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS.
<http://lattes.cnpq.br/3370854727374954>
<https://orcid.org/0009-0004-5775-0811>
E-mail: professortiago99@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem ainda a pensar sobre alfabetização e letramento. A articulação de tais conceitos e a ligação entre teoria e prática, até o momento, é um grande desafio. Pensar na alfabetização apenas como aprendizagem inicial de leitura e escrita contrapõe a perspectiva de letramento, pois a função social é excluída. A prática de leitura e escrita se torna um instrumento que permitirá ao indivíduo ter acesso à informação e criar novos conhecimentos. No entanto, os educadores ainda apresentam dificuldades de trabalhar atrelando a teoria à prática, e reflexões são necessárias o tempo todo.

O processo de reflexão dos professores deve permear tais conceitos. Apesar de entenderem a necessidade da prática com diferentes tipos de textos, alguns deles ainda, no processo de alfabetização, ficam presos a textos descontextualizados ou pseudotextos, ou, mais, à ideia de que o letramento inicia-se apenas depois de o aluno estar alfabetizado. Há também o outro lado da moeda, ou seja, professores que trabalham com diversificados tipos de textos esquecendo-se de desenvolver pontos específicos da alfabetização, como a aquisição da leitura e da escrita.

Apesar da diferença de conceitos, leitura e escrita se relacionam no momento que as crianças utilizam-se dos códigos, relacionando-os a uma função social. Além dos alunos precisarem entender as letras e os sons, é importante que sejam ensinados de forma significativa, o que possibilita estabelecer relações com a linguagem. A alfabetização deve ser tratada com seriedade, e os professores-alfabetizadores têm de compreender os aspectos sociais, culturais e psicológicos dos alunos de modo que a linguagem e o conhecimento aconteçam.

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões e buscar responder a alguns questionamentos muito presentes nos cursos de formação docente, em seminários e encontros com professores alfabetizadores sobre as relações entre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, a alfabetização seus usos sociais e o letramento, no âmbito da sala de aula.

A fim de responder a essas questões, realizamos uma breve discussão sobre os conceitos de alfabetização e letramento e sua natureza política e social. Em seguida, apresentamos a importância da ludicidade no processo de alfabetização e letramento bem como a análise de situações lúdicas no cotidiano da escola que podem contribuir para a qualificação do processo de alfabetização e letramento. Pretendemos, com essa análise, promover uma reflexão sobre como alfabetizar na

perspectiva que considera os usos sociais da leitura e da escrita, ao articular a discussão conceitual à análise de práticas de trabalho em sala de aula.

Por fim, a criança cria seus mecanismos para compreender o seu entorno e, nessa perspectiva, a criatividade alimenta a vida. Os recursos, por vezes, podem ser simples: histórias, contos, parlendas, brinquedos adaptados, jogos, brincadeiras, rimas, ou seja, um universo de possibilidades e um caminho de infinitas aprendizagens. E tudo isso deverá ser reconhecido e utilizado nos processos educativos de alfabetização e letramento.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

2.1 Conceito de alfabetização

Antes de dar início às discussões, você deve conhecer o significado da palavra alfabetização. Segundo o dicionário Houaiss, alfabetização é o “[...] ato de propagar o ensino ou difusão das primeiras letras” (ALFABETIZAÇÃO, 2009). Nesse sentido, se pode dizer que a alfabetização seria a ação de ensinar/aprender a ler e escrever. Essa ação permitirá que o sujeito crie novos conhecimentos. Maciel e Lúcio (2009, p. 14) complementam dizendo:

[...] A escrita, comparável a um instrumento, é vista como capaz de permitir a entrada do aprendiz no mundo da informação, seja possibilitando o acesso aos conhecimentos histórica e socialmente produzidos, seja criando condições diferenciadas para produção de novos conhecimentos.

Além disso, Soares (2004, p. 16) conceitua alfabetização como o “[...] processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita”. Ademais, ela destaca a alfabetização como um “[...] conjunto de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita”. Em outra obra, Soares (2006, p. 29) complementa dizendo que:

[...] para entrar e viver no mundo do conhecimento, o sujeito precisa desenvolver duas habilidades. A primeira se relaciona ao domínio da escrita, que contempla o sistema alfabético e ortográfico, desenvolvido pela alfabetização. Já a segunda tem a ver com o domínio das competências e com o uso da escrita em diferentes situações e contextos, o que é obtido por meio do letramento.

Seguindo a mesma linha, Paulo Freire (1983) afirma que a alfabetização “é um ato criador, no qual o sujeito é agente da aprendizagem na medida em que vai aprendendo e compreendendo a leitura e a escrita”. Segundo o autor, esse processo não acontece de forma mecânica ou desvinculada de um universo existencial, ele requer uma atitude e uma postura de criação e recriação. Freire também destaca que “não basta apenas dominar a escrita, é preciso inserir o sujeito nesse mundo para que desenvolva uma leitura crítica das relações sociais”.

Se você analisar os dois conceitos, vai notar que ambos caminham para a mesma direção. Ambos entendem que alfabetizar não é apenas decodificar ou dominar a leitura e a escrita. É preciso ir além e se torna fundamental pensar na formação de sujeitos capazes de interpretar e transformar a leitura e a escrita utilizando-as em suas práticas cotidianas. Traçando uma breve trajetória da alfabetização, você pode perceber que até meados de 1980 ela era pensada a partir de métodos sintéticos e analíticos que resultavam em formas definidas de como o professor deveria ensinar.

Nesses métodos, em especial no silábico ou no fônico, a criança repetia informações prontas, transmitidas por meio de cartilhas, nas quais aprendia a memorizar o nome e o traçado das letras, decorando seus sons. A correspondência som/grafia e a memorização das famílias silábicas eram utilizadas nas atividades diárias do professor, de forma que a criança era exposta a textos prontos para fixar as letras e sílabas trabalhadas.

O trabalho era mecânico e bastava a criança decorar o nome das letras, o som e a junção das sílabas para formar palavras. A alfabetização, nesse caso, resumia-se à cópia e à repetição, sendo vista sob a perspectiva do professor, responsável por ensinar. Na maioria dos casos, as crianças, por repetirem tantas vezes as informações obtidas nas cartilhas, as decoravam. Contudo, não compreendiam por que cada letra era utilizada. Além disso, eram privadas de avançar em sua aprendizagem. Isso porque os professores acreditavam que a criança só poderia seguir para a leitura se, primeiro, passasse por esse processo. O chamado “período preparatório” visava a atividades de motricidade e percepção. Os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985, p. 15):

[...] mudaram o foco, pensando em como a criança aprende, se desenvolve e se apropria da língua escrita. A partir desses trabalhos, esses processos passaram a ser compreendidos como uma construção contínua, desenvolvida concomitantemente dentro e fora da sala de aula, em processo interativo e que acontece desde as primeiras relações da criança com a escrita.

Aqui, a criança não é mais vista como mero receptor de conhecimento, mas como um sujeito que pensa a escrita desde muito cedo, buscando compreender como ela funciona. As cartilhas são substituídas por atividades e elementos que fornecem indícios para a elaboração de atividades desafiadoras, a fim de que as hipóteses construídas pelos alunos sejam colocadas em pauta. Para perceber o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), é preciso que a criança compreenda a suas propriedades. Para Morais (2005, p. 41):

Esse sistema envolve um conjunto de hipóteses e, sabendo disso, o aluno pode realizar a leitura ou a escrita de novas palavras apenas memorizando a relação entre letra e som de forma produtiva. O Sistema de Escrita Alfabética significa muito mais que a aquisição de um código, como propunham as teorias tradicionais. Ele é um sistema notacional de representação da escrita, em que as habilidades perceptivas e de motricidade não têm um peso fundamental.

Nesse caso, atividades reflexivas e desafiadoras auxiliarão a criança a compreender os segmentos sonoros da fala e das palavras. É preciso tratar a escrita alfabética como um objeto de conhecimento. Assim, o professor auxiliará o aluno a descobrir, reconstruir e se apropriar do SEA. Morais (2005, p. 45) destaca que para alfabetizar letrando é preciso:

[...] reconhecer que a escrita alfabética é em si um objeto de conhecimento: um sistema notacional. Na esteira desse posicionamento, além de buscarmos abandonar o emprego das palavras “código”, “codificar” e “decodificar”, parece-nos necessário criar um ensino sistemático que auxilie, dia após dia, nossos alunos a refletir conscientemente sobre as palavras, para que venham a compreender como esse objeto de conhecimento funciona e possam memorizar suas convenções.

Nesse sentido, quando a criança ingressa na escola, é fundamental que o professor crie uma rotina diversificada, com diferentes atividades de reflexão e exploração sobre os níveis das palavras, assim como com a compreensão do sistema de escrita como um todo. Seguindo essa linha, é importante também promover habilidades de consciência fonológica, que permitirão que o sujeito reflita sobre as dimensões sonoras das palavras. As habilidades de consciência fonológica surgem à medida que a criança consegue refletir sobre as palavras na dimensão da sonoridade, percebendo que elas podem ser trabalhadas de diferentes formas.

Vale apostar em atividades que façam a criança identificar e compreender o que é uma palavra, quantas sílabas ela possui, quais os fonemas existentes e como são feitas as correspondências entre os fonemas e as letras. Por isso, você pode utilizar atividades que envolvam

separação, contagem e comparação quanto ao tamanho ou semelhança sonora. Além disso, pode-se valer de atividades que abrangem rimas, som inicial e som final, que contribuem para que o aluno perceba os sons da fala.

Mas, sobretudo, o aluno deve ser incentivado a escrever e a elaborar hipóteses, mesmo que ainda não domine o sistema alfabético de escrita. A ideia é que a criança construa o conceito de língua escrita e caminhe por esse processo significativamente. Portanto, para que ela aprenda a ler e escrever, é necessário que seja exposta a situações que a desafiem a refletir sobre a língua, transformando as informações recebidas em saberes próprios.

2.2 Conceito de letramento

O letramento ocorre muito antes do ingresso na escola. Ele é um processo sistemático que envolve, além dos professores, pais e demais pessoas que convivem com a criança. Biazioli (2018, p. 12) destaca que “a criança, desde muito pequena, está inserida em um contexto letrado, rodeada de situações cotidianas que envolvem a leitura e a escrita”. Entre essas situações, você pode considerar o uso de livros e revistas, as contações de histórias, as músicas e as cantigas de roda como exemplos práticos e concretos de como esse processo é rico quando apresentado desde os primeiros anos de vida. Quando o adulto apresenta o mundo da cultura à criança, ela se apropria, ou seja, ela internaliza, dando sentido àquilo que está vivenciando, conhecendo, experimentando.

Depois desse primeiro contato com os pais e familiares, é importante que as práticas sociais de letramento sejam promovidas. Elas devem ter início desde a educação infantil, em que a criança tem o seu primeiro convívio coletivo. Posteriormente, devem ter continuidade no ensino fundamental, em que serão criadas situações práticas para que esse processo seja aprimorado e aprofundado. É nesse período que a escola e, mais especificamente, o professor assumem um papel fundamental na inserção no ambiente letrado. Afinal, é necessário que tanto a sala de aula quanto os demais espaços da escola sejam vistos pela criança como lugares agradáveis e com múltiplas possibilidades de atividades e aprendizagens.

Em síntese, é preciso instigar a criança a interagir com as práticas de letramento, alimentando seu desejo de estar na escola. Visitas à biblioteca, por exemplo, podem proporcionar à criança o contato com diferentes tipos de materiais escritos e possibilitar ainda uma experiência

fora da sala de aula. Quanto mais objetos, instrumentos, linguagens, gêneros e portadores de textos de conhecimento da criança forem utilizados, maior será o sentido, o desejo e o significado internalizado por ela.

Pensar na função social da leitura e da escrita é pensar no que os textos representam no dia a dia desses sujeitos dentro e fora da sala de aula. Ou seja, à medida que as crianças compreendem o uso e a função da escrita, elas têm as suas intenções de aprendizagem contempladas. Nessa perspectiva, você deve considerar que utiliza a leitura no seu dia a dia para os mais variados propósitos, como localizar endereços, fazer uma receita, ler uma bula de remédio, mandar uma mensagem para algum amigo ou familiar, entre tantas outras. Essas leituras diversas envolvem o confronto de opiniões e interpretações e a exploração mais aprofundada do conteúdo abordado. O que você deve é incorporar tais conhecimentos na rotina da sala de aula para que os alunos se tornem verdadeiros leitores e escritores.

[...] O ponto de partida para o processo de efetivo aprendizado é a convivência, o contato e a experimentação com o mundo da cultura escrita. Os conhecimentos sobre a linguagem adquiridos nas mais variadas situações que a criança traz quando chega à escola evidenciam que ela está inserida em um contexto comunicativo de produção e compreensão das funções da língua escrita. Assim, a ideia é criar nas novas gerações a necessidade de utilizar a escrita socialmente, coletivamente, de acordo com a função para a qual foi criada. (BIAZIOLI, 2018, p. 12)

Além disso, é possível ampliar a comunicação e a troca de vivências entre os alunos, de forma que eles interajam, auxiliem-se e aproximem-se das atividades propostas pelo letramento. Esse é o sentido, a significação e a reconstrução proposta por diferentes perspectivas de apropriação do sistema de leitura e escrita. Essa apropriação da escrita possibilita um avanço no desenvolvimento cultural da criança, pois abre possibilidades para um conhecimento mais refinado do mundo e, conseqüentemente, para o raciocínio e o pensamento mais complexos. Por conta disso, é importante favorecer o contato dos alunos com diferentes tipos de textos para que façam uso dessa tecnologia da escrita nas diferentes situações vivenciadas.

Nesse sentido, você precisa ter em mente que a criança, como membro da sociedade, precisa do convívio com a leitura e a escrita para conhecer o mundo que a rodeia. Dessa forma, ela se interessa e busca respostas para suas indagações, tornando o processo de aprendizagem mais significativo. É fundamental que a criança possa falar, escutar, escrever e se envolver em situações

reais de mediação e interação na sociedade, de forma que a sala de aula também se torne um espaço de participação, partilha, cooperação recíproca e trocas de opiniões, informações e experiências. Segundo Franchi (2012, p. 28):

[...] essa interação social proporciona vastas experiências entre as crianças, além de favorecer que o professor observe as dificuldades e peculiaridades existentes durante a realização das atividades, na medida em que faz os devidos encaminhamentos nos momentos apropriados. Esse processo ainda deve levar em consideração que os modelos escritos sejam contextualizados com uma significação.

Neste caso, é fundamental que a criança faça relações entre a palavra trabalhada e o objeto que ela representa. Para isso, o professor deve traçar diferentes estratégias que coloquem o sujeito em contato com distintas situações e informações do cotidiano, levando-o a compreender aquilo que está escrevendo ou lendo. Tais atividades, atreladas a debates e discussões, contribuem para que a criança contextualize as palavras, fazendo relações entre som, grafia e interpretando o sentido a que está sendo exposta. Além disso, essas atividades se tornam significativas quando envolvem os sujeitos na construção do conhecimento e na resolução de problemas e desafios.

Outra questão pertinente que favorece a compreensão e a apropriação do sistema de escrita é o uso de atividades orais e espontâneas. O professor deve trabalhar tanto a letra, a sílaba e a junção delas na formação de palavras quanto a contextualização desse conhecimento para que a criança reflita sobre o processo. A promoção dessas situações dialogadas dá oportunidade para que os alunos construam novas significações voltadas à proposta de alfabetização e letramento.

2.3 A importância do lúdico no processo de alfabetização e letramento

A questão do caráter lúdico para a formação de professores e, conseqüentemente, para o cotidiano da escola, é de extrema importância. Por isso, é urgente inserir nos currículos de formação educacional ações que enfatizem jogos, brincadeiras e brinquedos como potentes ferramentas que auxiliam e favorecem a alfabetização e o letramento. As situações lúdicas devem ser uma constante no cotidiano escolar, devem perpassar todos os espaços e, ainda, fazer parte de todas as disciplinas. Como você viu, brincar leva ao desenvolvimento social, cognitivo, motor, emocional e afetivo.

Desse modo, é preciso que o educador/professor tenha uma formação adequada para a sua prática ser de qualidade, formação essa que dê ênfase à dimensão lúdica. A ideia é que o brincar seja inserido no contexto da sala de aula e que a brincadeira seja reconhecida como um dos canais que conduzem o processo alfabetizador e possibilitam diferentes aprendizagens. Por meio das manifestações lúdicas, o corpo se movimenta, transita, age, reage, sente, emociona-se, e tudo isso se reflete nos processos de alfabetização e letramento. Damásio (2013, p. 51) afirma que:

[...] a consciência depende do corpo, do corpo que interage e se transforma com o mundo. A maneira como a criança interage com o mundo ao seu redor acontece mediante os movimentos e estes, por sua vez, se dão por causa das brincadeiras, dos jogos, dos esportes e das atividades lúdicas.

Portanto, à criança deve ser dada a oportunidade de movimentar-se e, nesse percurso, construir suas aprendizagens. Cotidianamente, é jogando, brincando e praticando atividades lúdicas que as crianças se comportam em várias dimensões. Essa sua conduta certamente contribui para a qualificação dos processos alfabetizadores e de letramento, além de favorecer aspectos culturais e sociais.

As sensações que emergem na atividade lúdica podem desenvolver as percepções que, ao serem organizadas em estruturas cognitivas, tornam-se a base de todo o processo de aprendizagem. Nas brincadeiras, a criança vivencia diversas atividades lúdicas. Ela passa a se conhecer melhor, a conhecer suas dimensões, seu corpo, seus limites. Além disso, passa a dominar suas angústias e a representar o mundo exterior, usando para isso o brinquedo, os jogos e suas construções. Assim, a criança se desenvolve.

Os jogos, os brinquedos ou as brincadeiras são atividades voluntárias e têm como característica fundamental a liberdade: há no faz de conta uma forma de representação de um desejo ou de uma realidade. Junto às escolas, é preciso pensar em propostas que envolvam brinquedos, jogos e brincadeiras. As ações lúdicas devem ser um compromisso ético e político na busca por assegurar o desenvolvimento integral das crianças, bem como na busca por tornar os alunos agentes da construção de suas aprendizagens.

Alfabetização e letramento são processos paralelos, são duas ações distintas, mas que caminham juntas e são inseparáveis para a garantia da aprendizagem da leitura e da escrita. Ou seja, o professor vai ensinar o Sistema de Escrita Alfabética permitindo que a criança vivencie

práticas de leitura e escrita, agregando esses conhecimentos a situações reais e atividades cotidianas. Conforme Soares (2004, p. 14):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita, a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

No entanto, há algumas questões importantes que o educador deve levar em consideração antes de tentar contemplar esses dois conceitos em seu planejamento: é possível que todas as crianças aprendam ao mesmo tempo? Como ensinar os alunos? Qual é o papel e qual é a importância do professor alfabetizador? Você pode começar refletindo sobre o papel do educador. É importante que ele realize um trabalho voltado à inserção do aluno em um ambiente alfabetizador e letrado.

Nesse ambiente, a criança deve ter a oportunidade de conhecer, vivenciar, refletir e experimentar novas práticas de leitura e escrita. Além disso, o professor deve criar um espaço acolhedor que contemple as diferenças, especificidades e características dos alunos. Todo esse trabalho parte de um planejamento voltado ao que o professor quer e ao que precisa ensinar aos alunos ao longo de todo o ano letivo. Para fazer esse planejamento, o professor deve levar em consideração os usos sociais da língua escrita, tanto no âmbito escolar como nas demais esferas, promovendo uma postura investigativa em que a autonomia, o respeito e o diálogo sejam as peças-chave para o aprendizado.

Nesse sentido, a escola e o professor devem fazer a mediação entre as práticas de alfabetização (importantes para o desenvolvimento das competências dos alunos) e os objetivos sociais e práticas relevantes presentes nas situações do cotidiano. É fundamental que, na fase de alfabetização, a criança possa vivenciar a leitura, assim como a produção, a compreensão e a reflexão de textos orais e escritos, a fim de se apropriar do Sistema de Escrita Alfabética.

A ideia é que as diferentes ideias e posicionamentos dos alunos possam fazer parte do trabalho como um todo. Partindo desse pressuposto, o trabalho com diferentes portadores de texto e gêneros textuais serve como ponto de partida para enriquecer a aula. Afinal, tais portadores e gêneros se aproximam da realidade em que a criança está inserida, valorizam as suas experiências,

instigam a imaginação, possibilitam um aprendizado mais significativo e propiciam vivências práticas que vão além dos conteúdos escolares.

A seguir, você pode ver alguns dos muitos portadores de texto e gêneros textuais existentes. Eles podem ser trabalhados em sala de aula na perspectiva da alfabetização e do letramento. Além disso, se aproximam das práticas sociais vivenciadas pelos alunos: Receitas; Manuais, regras de jogos, listas e instruções; Bilhetes; Cartas; Convites; Histórias em quadrinhos, tirinhas; Parlendas, cantigas de roda, trava-línguas, lendas; Músicas; Piadas; Poesias, contos, fábulas; Rótulos e embalagens; Símbolos, placas; Cardápios; Jornais, revistas, sites, noticiários, cartazes informativos.

A partir do planejamento da prática, o professor poderá, por meio das atividades diárias realizadas em sala de aula, observar e buscar respostas aos questionamentos anteriores: é possível que todas as crianças aprendam ao mesmo tempo? Como ensinar os alunos? Você pode considerar que em todas as turmas, independentemente da localidade, existe uma grande diversificação e heterogeneidade em relação ao conhecimento de cada criança. Algumas possuem conhecimento além do que se espera ou do que é trabalhado durante o ano. Outras parecem não acompanhar o mesmo ritmo do restante da turma. E essa complexidade das interações em sala de aula é que torna o trabalho do professor tão desafiador. De acordo com Soares (2004, p. 16):

As crianças iniciam o ano com diferentes conhecimentos, aprendizagens, capacidades e habilidades, tanto em relação ao sistema de escrita alfabética como em relação a outros conteúdos abordados dentro e fora da sala de aula. Algumas crianças envolvem-se mais cedo e são cercadas por práticas de letramento; outras, porém, estão envolvidas em um contexto com poucos estímulos e necessitam de um contato maior com o material escrito. O que o professor precisa ter em mente é que os alunos são capazes de aprender, independentemente do ambiente em que estão inseridos.

Assim, mesmo que as crianças iniciem o ano com conhecimentos abaixo do que é esperado para os objetivos de trabalho, o professor pode contemplar as hipóteses e saberes que já possuem. Na perspectiva do trabalho conjunto entre alfabetização e letramento, o professor precisa, em primeiro lugar, traçar um perfil da turma, percebendo os diferentes níveis em que as crianças se encontram. Depois, deve pensar em atividades diversificadas que trabalhem com o sistema notacional e as situações de reflexão, questionamento e criação de hipóteses.

A partir desse envolvimento e desse conhecimento que as crianças possuem acerca da escrita, é possível planejar atividades que de fato contribuam para que o aluno avance em seus conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabética, criando diferentes oportunidades de aprendizagem e de integração com o processo de escolarização. Cabe ao professor compreender o processo, buscar soluções por meio de estudo, reflexão e troca com seus pares.

Assim, ele deve trabalhar com esses diferentes saberes, conhecendo as práticas culturais e sociais vivenciadas pela comunidade e pelos alunos. Ele precisa ainda favorecer o contato com a escrita nas mais variadas circunstâncias, para que a criança vá se familiarizando com as situações de aprendizagem e avance de nível. Por fim, é urgente que escolas e educadores pensem em práticas de alfabetização e letramento partindo de um planejamento que contemple atividades capazes de auxiliar os alunos a avançarem em sua aprendizagem. Tais atividades devem ser do interesse da criança e estar de acordo com a realidade em que ela está inserida. Somente por meio dessas experiências será possível refletir sobre a prática da leitura e da escrita em diferentes circunstâncias.

Portanto, o desenvolvimento das capacidades dos alunos em relação à língua escrita não é um processo que se encerra assim que eles se apropriam do sistema de escrita; pelo contrário, ele se estende por toda a vida. O que os sujeitos fazem é apenas aprimorar e criar possibilidades na construção de novos conhecimentos e habilidades. Você deve notar, também, que as relações que compreendem a aprendizagem da criança podem ser criadas, alteradas e agregadas ao brincar.

Nessa perspectiva, o lúdico e a brincadeira se tornam também um meio de se obterem dados sobre o comportamento da criança, suas reações, sua motivação, suas aprendizagens, sua hesitação, pois permitem relacionar os fatos acontecidos com o processo alfabetizador. Assim, pode-se verificar que a brincadeira se materializa como um instrumento do processo educativo. O lúdico não deve dissociar-se da alfabetização e do letramento; ao contrário, esses processos são complementares e necessários.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões em torno da alfabetização e do letramento não se configuram num modismo passageiro e sim em importantes temáticas a serem debatidas e articuladas no trabalho em sala de aula. O modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o

conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever em diferentes situações sociais. Conduzir o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento, mais do que uma decisão individual é uma opção política, uma vez que estamos inseridos num contexto social e cultural em que aprender a ler e escrever é mais do que o simples domínio de uma tecnologia.

São muitos os desafios a serem enfrentados no atual contexto educacional, em que muitos alunos passam pela escola sem encontrar condições efetivas de se tornarem leitores e produtores de texto competentes. Desse fato, decorre a necessidade de haver um diálogo contínuo entre professores, pesquisadores e formadores de professores, na busca de alternativas pedagógicas que possibilitem modificar esse quadro. Defendemos, então, a importância da formação continuada como espaço privilegiado desse diálogo, em que o estudo das especificidades e articulação dos processos de alfabetização e letramento seja aprofundado.

Independentemente das didáticas e metodologias a serem utilizadas ou defendidas por professores, pesquisadores ou autores de livros de alfabetização, o que não podemos relegar a um segundo plano é que a alfabetização, na perspectiva do letramento, não é um mito, é uma realidade. Cabe às escolas e aos professores alfabetizadores ter consciência da concepção sobre alfabetização/letramento a ser adotada, para que se torne mais claro quais procedimentos metodológicos deverão ser utilizados.

Nos últimos anos, ocorreram mudanças nas práticas de professores que hoje estão mais cientes de que o aprendizado da leitura e da escrita não pode estar desvinculado dos sentidos que construímos e dos usos que fazemos do ler e do escrever. Entretanto, as tentativas de se conduzir uma alfabetização na perspectiva do letramento têm esbarrado em diversas dúvidas e dificuldades para se desenvolver estratégias de aprendizagem que realmente incorporem o conceito de letramento.

Dessa maneira, as análises das atividades dos professores aqui realizadas justificam-se como um meio para identificar problemas que muitos profissionais da educação vivenciam em seu trabalho. Compreendemos que, para alfabetizar letrando, é preciso que o professor assuma certas posturas, de modo que a prática pedagógica seja conduzida no sentido de viabilizar a formação de um sujeito que não apenas decodifica/codifica o código escrito, mas que exerça a escrita nas diversas situações sociais que lhe são demandadas.

Assim, cabe ao professor realizar o trabalho de aquisição da tecnologia da escrita, somado à interação com diferentes textos escritos, bem como criar situações de aprendizagem que se aproximem do uso real da escrita fora da escola. O modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever.

Deste modo, na sala de aula no processo alfabetizador é necessário valorizar a brincadeira e considerar que, por meio dela, a criança entra em contato com contingências sociais criadas pelo grupo e por ela própria, de modo que tem a oportunidade de aprender padrões de comportamentos culturais. Portanto, não é viável dissociar a criança da brincadeira só porque ela está em processo escolar. Na verdade, é preciso agregar à educação os aspectos lúdicos do brincar infantil.

REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

BIAZIOLI, A. **A importância do letramento na educação infantil**. Estadão, mar. 2018.

DAMÁSIO, A. R. **O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurologia da consciência**. Lisboa: Temas & Debates, 2013.

FRANCHI, E. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MACIEL, F. I. P.; LÚCIO, I. S. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática**. In: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MORAES, A. G. de. **Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização?** In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.;

LEAL, T. F. (Org). **Alfabetização:** apropriação do sistema da escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. Revista Brasileira da Educação, n. 25, jan./abr. 2004.

_____. **O letramento e a alfabetização:** qual é a diferença entre a alfabetização de crianças e de jovens e adultos? Letra A – O jornal do alfabetizador, v. 2, jun./jul. 2006.